

## HISTORIOGRAFIA

- (1979). ‘Chinese Navigators in Insulinde about A.D. 1500’, *Archipel*, 18, pp. 69-93.
- (1997). [1930] (intro. Cheah Boon Kheng). *Eredia's Description of Malacca, Meridional India and Cathay*. Kuala Lumpur: Malaysian Branch of the Royal Asiatic Society.
- Ormeling, E.J. (1956). *The Timor Problem: A Geographical Interpretation of an Underdeveloped Island*. Jakarta and Gravenhage: J.B. Wolters and Martinus Nijhoffs.
- Parker, Geoffrey and Lesley M. Smit. (1978). *The General Crisis of the Seventeenth Century*. London: Routledge & Kegan Paul.
- Pearson, Michael (2005). *Great Southern Land: The Maritime Exploration of Terra Australia*. Canberra: Australian Government Department of Environment and Heritage.
- Pelissier, René (1996). *Timor en guerre. Le crocodile et les Portugais (1847-1913)*. Orgeval (France): Éditions Pelissier.
- Peters, N. H. (2003). ‘Eredia Map 1602 Ouro and Luca Antara Islands: A Case for Determining that Ouro and Luca Antara Islands Shown on the Eredia Map are, Respectively, Melville and Bathurst Islands of the Tiwi Islands Australia’, *Cartography*, 32, 2, pp. 31-47 <<http://home.exetel.com.au/noelpeters/eredia211.html>> accessed 20 July 2015.
- [Pigafetta, Antonio] (1969). *The Voyage of Magellan, The Journal of Antonio Pigafetta*, Engelwood Cliffs, N.J.: Prentice Hall (facsimile of *Le voyage et navigation fait par les espagnolz es isles Mollucques*, Paris, 1525).
- Pimentel, Manuel (1712). *Arte de navegar, em que se ensinam as regras praticas, e o modo de cartear pela carta plana, & reduzida, o modo de graduar a balestilha por via de numeros, & muitos problemas uteis à navegação; & roteiro das viagens, e costas maritimas de Guiné, Angola, Brasil, Indias, & Ilhas Occidentaes, & Orientaes, agora novamente emendado, & accrescentadas muitas derrotas novas por Manoel Pimentel fidalgo da casa de Sua Magestade, & cosmographo mór do reyno, & senhorios de Portugal*. Lisbon: Na Officina Real Deslandesiana.
- Ptak, Roderich (1983). ‘Some References to Timor in Old Chinese Records’, *Ming Studies*, 17, pp. 37-48.
- (1987). ‘The Transportation of Sandalwood from Timor to Macau and China during the Ming Dynasty’, *Review of Culture*, no. 1 (April-June), pp. 31-39.
- Pullonggono, Heru Bagus (1995). ‘Some Notes on Sandalwood of Timor’, *Southeast Asian Studies* (Kyoto), vol. 32, no. 4, March, pp. 549-550.
- Raynal, Guillaume-Thomas (1782). *Histoire philosophique et politique des établissemens et du commerce des Européens dans les deux Indes*, Tome Premier. Genève: Jean-Léonard Pellet, pp. 225-226.
- Reid, Anthony (1993). *Southeast Asia in the Age of Commerce 1450-1680*, Vol. Two: *Expansion and Crisis*. New Haven / London: Yale University Press.
- Richardson, W.A.R. (1984). ‘Jave-la-Grande: A Case Study of Place-Name Corruption’, *The Globe* (Australian Map Circle), 22, pp. 9-32.
- (1995). ‘A Cartographical Nightmare: Manuel Godinho de Eredia's Search for India Meridional’, in *The Portuguese and the Pacific*, edited by F.A. Dutra & J. Camilo dos Santos. Santa Barbara: University of California, pp. 314-348.
- (1998). ‘Enigmatic Indian Ocean Coastlines on Early Maps and Charts’, *The Globe*, no. 46, pp. 21-41. <[dspace.flinders.edu.au/xmlui/bitstream/.../Globe%20Enigmatic.pdf?...1](http://www.flinders.edu.au/xmlui/bitstream/.../Globe%20Enigmatic.pdf?...1)>.
- (2004). ‘Gavin Menzies Cartographic Fiction: The Case of the Chinese “Discovery” of Australia’, *The Globe*, no. 56, 2004, pp. 1-12. <[www.1421exposed.com/the-globe-56-2\\_richardson\\_lowres.pdf](http://www.1421exposed.com/the-globe-56-2_richardson_lowres.pdf)> accessed 5 June 2015.
- Roever, Arend de (1998). ‘The Partition of Timor: An Historical Background’, in *A Ásia do Sudeste: História, Cultura e Desenvolvimento*, edited by Maria Johanna Schouten. Lisbon: Vega, pp. 45-55.
- Sakurai Yumio (1997). ‘The Structure of Southeast Asian History’, *Proceedings of International Symposium Southeast Asia, Global Area Studies for the 21st Century, 18-22 October 1996*, Kyoto: Center for Southeast Asian Studies, Kyoto University, pp. 105-123.
- Saris, John (1941). *The First Voyage of the English to Japan* (transcribed and collated by Takanobu Otsuka). Tokyo: Toyo Bunka.
- Souza, George Bryan (2004) [1986]. *The Survival of Empire: Portuguese Trade and Society in China and the South China Sea, 1630-1754*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Therik, Tom (2004). *Welhali: the Female Land: Traditions of a Timorese Ritual Centre*. Canberra: Pandanus Books / Research School of Pacific and Asian Studies.
- Urban, Frank (2009). ‘Did the Portuguese Know of Australia's Tiwi Islands prior to 1606?’, *The Globe*, <http://www.thefreelibrary.com/Did+the+Portuguese+know+of+Australia+%27s+Tiwi+Islands+prior+to+1606%3F-a0242305168>.
- Van Leur, J.C. (1955). *Indonesian Trade and Society: Essays in Asian Social and Economic History*. The Hague: Martinus Nijhoff.
- Villiers, John (1985). *East of Malacca: Three Essays on the Portuguese in the Indonesian Archipelago in the Sixteenth and Early Seventeenth Centuries*. Bangkok: Calouste Gulbenkian Foundation.
- Voltaire, François (1756). *Essai sur les moeurs et l'esprit des nations*. Paris: Chez Lefebvre.
- Wallace, Alfred Russel (1869). *The Malay Archipelago: The Land of the Orang-utan, and the Bird of Paradise: A Narrative of Travel, with Sketches of Man and Nature*. London: Macmillan & Co.
- Wallerstein, Immanuel, 1974. *The Modern World-System*, Vol. 1: *Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century*. New York: Academic Press.
- . 1979. *The Capitalist World-Economy*. Cambridge: Cambridge University Press.
- . 1984. *The Politics of the World-Economy: The States, the Movements, and the Civilizations*. Cambridge: Cambridge University Press.
- . 1989. *The Modern World System*, Vol. III: *The Second Era of Great Expansion of the Capitalist World-Economy 1730-1840s*. San Diego, CA: Academic Press.
- . 2004. *World-Systems Analysis: An Introduction*. Durham, NC: Duke University Press.
- Wei Juxian, 1960. *Zhongguo ren fa xian aozhou* 中国人发现澳洲 [The Chinese Discovery of Australia], Hong Kong: [s.n.].

## ABSTRACTS

## RESUMOS

**Benjamim Videira Pires, S. J.: Memória e Homenagem:**

A *Revista de Cultura*, por ocasião do centenário do nascimento do Pe. Benjamim Videira Pires, S. J. (1916-1999), decidiu dedicar-lhe um amplo espaço deste número da sua Edição Internacional, inserindo artigos sobre a sua vida, pensamento e obra, de reputados investigadores como Ana Cristina Alves, António Aresta, Aureliano Barata, Celina Veiga de Oliveira, Jorge de Abreu Arrimar, Jorge Bruxo e Maria de Lurdes Escaleira. É uma forma justa e digna de homenagear uma das mais destacadas e marcantes personalidades da vida cultural de Macau na segunda metade do século xx e recordar a acção e a missão verdadeiramente notáveis que desenvolveu ao longo de cinco décadas neste território.

Missionário, pedagogo, historiador e escritor, com valiosa obra em prosa e em poesia, estas variadas facetas da sua intervenção cívica e cultural são analisadas nestas notas introdutórias, com recurso à memória que guardei do relacionamento que pudemos manter ao longo de muitos anos e à oportuna e incontornável biografia intitulada *P. Benjamim Videira Pires, Meu Irmão*, de Francisco Videira Pires, S. J., que o Instituto Internacional de Macau publicou em Agosto de 2011. [Autor: Jorge A. H. Rangel, pp. 6-20]

**Padre Benjamim Videira Pires: Percorso de um Educador e Historiador de Macau**

O Pe. Benjamim Videira Pires nasceu num período conflituoso e instável que se vivia em Portugal desde a implantação da República, com reflexos em Macau. Reflexos que se fizeram sentir no Território quando a China implantou o regime republicano, cuja turbulência duraria verdadeiramente até à vitória de Mao Zedong, na guerra civil (1946-1949). Este final do período apanharia o Pe. Benjamim Videira Pires na Missão

de Shiu-Hing, onde aprendia a língua e a cultura chinesas. No centenário do seu nascimento, homenageamos a memória de um jesuíta que deu a Macau o melhor de si mesmo, em meio século de permanência no Território, como educador e, sobretudo, como historiador. Propomo-nos neste artigo seguir o percurso do Pe. Benjamim Videira Pires em Macau (1949-1998), traçando-lhe um retrato tão fiel quanto possível, e abordando duas das suas dimensões: o Educador e o Historiador. Dividimos este trabalho em cinco partes: nascimento e formação académica e religiosa (1916-1948); os primeiros tempos em Macau; Pe. Benjamim Videira Pires: o Educador; Pe. Benjamim Videira Pires: o Historiador; Considerações Finais. [Autor: Aureliano Barata, pp. 21-31]

**A Identidade Cultural de Macau no Pensamento de Benjamim Videira Pires, S. J.**

Este estudo procura visitar a obra de Benjamim Videira Pires, S. J., especialmente o modo de pensar a história de Macau. A identidade cultural do Território projecta uma diversidade linguística que se consubstancia em formas de viver, de pensar e de agir singularmente contrastivas. Procurar a síntese e a convergência entre os extremos civilizacionais foi um dos magnos trabalhos de Benjamim Videira Pires. [Autor: António Aresta, pp. 32-40]

**A Miscigenação de Benjamim Videira Pires**

Este artigo aborda a questão da miscigenação de Benjamim Videira Pires, do ponto de vista cultural, filosófico e existencial. Procura seguir-se, à maneira duma investigação policial, o fascínio do autor pelo Oriente e as suas aventuras em Macau. O resultado é a construção duma biografia romaneada, baseada em factos concretos e reais, bem como no que

a autora julga compreender das psicologias chinesa e portuguesa. [Autora: Ana Cristina Alves, pp. 41-51]

**A Embaixada Mártir de Benjamim Videira Pires: O Cristianismo e a sua Circunstância**

Entre os muitos títulos da obra de Benjamim Videira Pires, *A Embaixada Mártir* é, porventura, aquela que reflecte com maior nitidez o ambiente cristão em que foi educado e a que melhor expressa a visão apoloética que sempre teve sobre o legado dos portugueses no mundo. O título remete para um dos objectivos do livro: relevar um facto histórico que testemunhava, na óptica de um historiador comprometido e empenhado na sua obra missionária, como era o seu caso, o entrosamento entre fé católica e presença portuguesa no mundo.

*A Embaixada Mártir* é uma monografia histórica que relata as circunstâncias trágicas em que decorreu a morte de 61 católicos que faziam parte da missão especial que o Senado de Macau enviou ao Japão, em 1640, um ano depois do fecho dos seus portos aos barcos de Macau. Setenta e quatro pessoas, quatro das quais com funções de embaixadores, partiram de Macau rumo a Nagasáqui, em 1640, com o objectivo de reverterem essa determinação. Mas o xógum Tokugawa Iemitsu, interpretando o envio da embaixada como um desrespeito à sua ordem, condenou os seus membros à morte, poupando somente treze pessoas para contarem em Macau o que tinham presenciado em Nagasáqui. O sacrifício dos martirizados, que só o foram por não terem querido renegar a sua fé, é valorizado pelo autor, um jesuíta culto, que aliava à sua formação cristã uma cultura histórica e humanística, o que lhe dá o estatuto de um grande historiador de Macau. [Autora: Celina Veiga de Oliveira, pp. 52-60]

**Subindo no Céu do Oriente**

Em 8 de Julho 1995, o jornal *Tribuna de Macau* dedicou uma página inteira ao Pe. Benjamim Videira Pires que, nesse ano, a 30 de Outubro, faria 79 anos de vida e 47 anos de permanência em Macau. Foram convidados alguns investigadores e amigos a participarem com textos de sua autoria. Eu fui um deles, contribuindo com um artigo de carácter biográfico, intitulado “Pe. Benjamim Videira Pires: de Mirandela a Macau”. Com base neste artigo e noutros de autoria diversa que, entretanto, se foram publicando e em algumas memórias que ainda conservo do nosso relacionamento, escrevi este texto menos formal, mais solto, e até um tanto ficcionado. Ficcionado, porque parte desta narrativa foi concebida a partir da interpretação dos poemas de Videira Pires, utilizando-os como opiniões, sentimentos, apreciações suas sobre Macau.  
[Author: Jorge de Abreu Arrimar, pp. 61-65]

**Pensamento e Acção de Benjamim Videira Pires em *Religião e Pátria***

Benjamim Videira Pires (1916-1999) viveu em Macau cerca de metade do século xx e aí, entre as muitas facetas da sua vida, ressalta a, por vezes esquecida, de director, administrador e principal redactor da revista *Religião e Pátria* (1955-1968). Esta revista, como o próprio nome sugere, pautou-se pela promoção e defesa dos valores do catolicismo, profundamente comprometido com o espiritualismo cristão, e do patriotismo luso, muito entrosado com o nacionalismo vigente em Portugal. Importante veículo de comunicação com os portugueses de Macau, Hong Kong, Xangai, Japão e Timor, assume o papel de repositório e documentário da vida social e cultural de Macau na segunda metade do século passado, Macau uma república mercantilista não soberana onde os extremos se conciliam. Em *Religião e Pátria* encontramos um complexo de escritos da autoria de Benjamim Videira Pires, desde a poesia,

ao teatro, ao conto, à história, às prédicas missionárias e ao jornalismo noticioso, e é desse legado intelectual que o artigo vai dar testemunho e esboçar um princípio de análise dos seus valores e significados.

A obra deste autor é vasta e diversificada, indo da prosa à poesia, abarcando um considerável número de temáticas, sendo que a opção pelo estudo do seu contributo em *Religião e Pátria* se deve ao facto de esta ser uma das facetas menos conhecida, pese embora alguns dos artigos estarem inseridos nos seus livros. Estamos perante um autor que deixou um inestimável contributo no panorama intelectual de Macau do século xx, pelo que os seus trabalhos deveriam ser objecto de profunda análise e, quiçá, da edição completa da sua obra, porventura uma das melhores formas de o recordar e homenagear por ocasião do centenário do seu nascimento.  
[Autores: Jorge Bruxo e Maria de Lurdes N. Escalreira, pp. 66-78]

**Categorizar a Literatura Antiga de Macau e o Papel de Tang Xianzu**

A primeira parte deste artigo debruça-se sobre a questão da “Literatura de Macau”, ou *Aomen wenzue*, e a definição deste conceito. Esclarece-se que o termo em inglês para esta definição pode não significar o mesmo que o termo em chinês. Surge o problema das línguas, grupos demográficos e sociedade multicultural de Macau. A questão que se levanta é como devemos associar estas dimensões a “Literatura de Macau”. Além disso: O que podemos afirmar sobre a relação entre a “Literatura de Macau” e outras literaturas? Devemos organizá-las em sistemas hierárquicos? Por exemplo, é a “Literatura de Macau” uma entidade subordinada à “Literatura Chinesa” e/ou à “Literatura Portuguesa”? Será que faz sentido considerar também conceitos adicionais, por exemplo, *Lingnan wenzue* (literatura de Lingnan), *chengshi wenzue* (literatura urbana), *haiyang wenzue* (literatura marítima),

etc.? Se incluirmos Xiangshan, também se poderia considerar um conceito geminado: *Zhu Ao wenzue* (literatura de Zhuhai |e de Macau). Finalmente, para os crentes em critérios marxistas seria necessário interligar actividades literárias, como parte de uma superestrutura local, para a configuração socioeconómica de Macau – não apenas num sentido sincrónico, mas também numa perspectiva diacrónica. Aqui pode (ou não) ser útil distinguir entre o ponto de vista de observação marítima e e a visão ‘convencional’, dirigidos do interior para o litoral. A última parte do artigo comenta o caso de Tang Xianzu, muitas vezes conotado aos primórdios da “Literatura de Macau”, seguido de uma breve conclusão com algumas referências a Luís Vaz de Camões. Como podemos relacionar estes dois autores e as suas obras na categoria “Literatura de Macau”? O objectivo geral da discussão não é resolver as questões existentes, mas explorar as possibilidades de combinar conceitos com exemplos literários.  
[Autores: Cai Jiehua e Roderich Ptak, pp. 79-100]

**Macau em *Os Dores*, de Henrique de Senna Fernandes**

Neste artigo parte-se da convicção de que “[o] texto literário é um meio de acesso à compreensão do mundo, é um dos meios de investigação’ pois é ele próprio uma escrita do mundo ...”. Tendo como objecto de estudo o romance *Os Dores* de Henrique de Senna Fernandes, propomos um olhar sobre Macau numa vertente de espaços, tornados únicos por quem os habita ou frequenta, e pelo confronto do antes e do agora, que as várias descrições suscitam, tornando esta obra um manancial de sensações, de viagens e roteiros percorridos e a percorrer. Esta abordagem realça, essencialmente, o espaço, não só o espaço físico mas, ao mesmo tempo, o espaço social em que as personagens se movem, e ao qual pertencem ou não, e, igualmente, o espaço psicológico que as mesmas

vivenciam, de acordo com as respectivas personalidades, estados de espírito ou emoções que vão experimentando pela dinâmica da acção. Através do discurso literário, ora narrativo ora descritivo, o autor vai relatando acontecimentos, que situa no tempo e nos lugares, situações e experiências conhecidas ou imaginadas, socorrendo-se, paralelamente, da descrição de personagens, de espaços e do tempo em que toda a trama se desenrola. Recorrendo às suas memórias reportadas para os inícios do século xx e falados de uma cidade dividida em duas partes distintas, cada uma delas habitada por gente diferente, não só no aspecto psicológico mas, igualmente, no seu estatuto sociocultural. Esta divisão é real, existindo, contudo, a ideia permanente de uma permeabilidade possível entre ambos os espaços, determinando, em última análise, a vida das personagens, a forma como se relacionam e são vistas pelo Outro. Atento ao que se passa à sua volta dá-nos conta de um aspecto relevante, verificado ao longo dos séculos, a mudança da cidade, fruto da influência que lhe chega principalmente do exterior.  
[Autores: M. de Lurdes N. Escalreira, Fernando Manuel Margarido João, pp. 101-123]

**O Comércio de Sândalo Timor-Macau e a Descoberta Asiática do Continente do Sul?**

Conhecida da China e da Índia desde os primórdios como a principal fonte de sândalo, a ilha de Timor (que significa leste em Malaio ) atraiu igualmente a atenção dos primeiros portugueses no Sudeste Asiático. No final do século xvii, Timor surge, portanto, no centro da rivalidade intra-colonial no arquipélago oriental, tendo Portugal (e Holanda) na conquista conjunta de Timor, sido obrigados a ajustar-se às redes de poder local e regional, incluindo as globais redes de comércio chinesas, tornando as suas investidas comercialmente viáveis. Como este artigo destaca, é importante considerar a forma como o comércio europeu com Timor se introduziu, ou pelo menos,

influenciou os antigos sistemas tributários asiáticos e as redes comerciais de longa distância. Localizada a cerca de 500 km a norte da Austrália, a ilha de Timor era encarada como um ponto de partida para viagens mais para Sul, como foi o caso dos navegadores Macassan no início do século xix. À luz do exposto, este artigo pretende, em primeiro lugar, retomar o assunto do comércio de sândalo entre a China e a ilha de Timor; em segundo lugar, explicar o modo como os mercadores europeus, portugueses e holandeses, se envolveram nesse comércio e, por último, examinar as evidências sobre a descoberta asiática da Austrália *versus* a portuguesa.  
[Autor: Geoffrey C. Gunn, pp. 124-148]